

Safra

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) prevê um aumento 1,5% na produção nacional, que passará de 188,2 milhões para 191 milhões de toneladas

economia@atribuna.com.br

Economia

Mecanização e mais produtividade

Seminário Internacional do Café de Santos, encerrado ontem, mostra que setor supera desafios com tecnologia e sustentabilidade

MARCELO SANTOS

DA REDAÇÃO

O avanço da tecnologia mudou a produtividade do café nas últimas quatro décadas. Em regiões de Minas Gerais acostumadas a investir em pesquisas, a mecanização, que era um desafio para a cultura, chegou a multiplicar por sete o volume de colheitas de sacas.

Um dos palestrantes do último dia do 20º Seminário Internacional do Café de Santos, o presidente da Cooperativa dos Cafeicultores da Região de Monte Carmelo (Copermonte), Creuzo Takahashi, conta que a produtividade em sua região era de dez sacas por trabalhador em 1978. Com as plantadoras mecânicas, o volume subiu para 70 neste ano. A mecanização, que há 36 anos era responsável por 30% dos custos de produção, agora são de 12%.

Takahashi, que produz no Cerrado Mineiro, conta que o investimento em tecnologia também permite ao cafeicultor de sua região conseguir reduzir o impacto da seca. Ele acha que os danos às lavouras vão durar menos tempo nas propriedades ligadas à Copermonte.

O seminário foi encerrado no Hotel Sofitel Jequitimar, em Guarujá, ontem pelo vice-presidente da Associação Comercial de Santos (ACS), John Wolthers. A ACS é a realizadora do evento, que contou com o apoio institucional do Sebrae.

A pesquisa e o avanço tecnológico permitem também à cafeicultura acelerar as práticas de sustentabilidade – uma série de atividades e programas de gestão para preservar os recursos naturais para as próximas gerações. As metas mais imediatas são economizar água e energia e proteger o solo e a saúde do trabalhador.

Na região de Guaxupé, no Sul de Minas, a alta produtividade, com 40 sacas por hectare, facilita os investimentos em sustentabilidade. Segundo o coordenador de Programas Sustentáveis da Cooxupé, Edson Guerrero, a intenção é ter um quinto dos produtores com certificação.

“São 100 produtores e 10 mil hectares (duas vezes e meia a área insular de Santos) certificados com café de altíssima qualidade”, afirma Guerrero.

NESTLÉ

Dois dos maiores compradores de café do mundo, a suíça Nestlé e a americana Starbucks, adotaram programas agressivos de sustentabilidade. Elas exigem de pequenos, médios e grandes fornecedores metas de redução de consumo de água e de energia, entre outros itens, tudo com auditoria das certificadoras de sustentabilidade.

A Nestlé adota a sustentabilidade em 14 países, buscando redução de 20% do consumo de energia e de 30% de água. As soluções variam de país para país. No México, 80% de seus fornecedores já utilizam painéis solares. Na Costa do Marfim, um país pobre, a Nestlé apoia os produtores para obter o engajamento deles nas medidas, que custam caro.

O diretor de Operações de Trading da Starbucks, Tom Scharrer, diz que a gigante das cafeterias pretende comprar 100% de café certificado em 2015.

Hoje, esse nível está em 93%, resultado de US\$ 16,9 milhões investidos nas fazendas de seus fornecedores. “É de nosso interesse apoiar os fazendeiros, porque sem eles não estaríamos aqui”.



Takahashi, do Cerrado Mineiro: produtividade cresceu sete vezes com colheita mecanizada em quase quatro décadas: investimento em pesquisa

FOTOS ROGÉRIO SOARES

Crítica

“Na política comercial, 40% do comércio mundial de alimentos é feito por acordo bilateral. O Brasil é zero nisso”

“Temos vários ministros ligados à agricultura disputando prestígio e verbas”



Roberto Rodrigues, ex-ministro da Agricultura e coordenador de Agronegócio da FGV

Ex-ministro cobra infraestrutura

Apesar de ser o País com o maior potencial agrícola para as próximas décadas, o Brasil ainda não tem condições de atender os 40% de aumento da demanda mundial por alimentos, segundo o ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, agora coordenador do Centro de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas.

Rodrigues, que participou do Seminário Internacional do Café de Santos, diz que o Brasil não possui infraestrutura para suportar esse aumento de produção e não tem estratégia comercial suficiente para fechar tantos negócios.

O ministro critica, por exem-

plo, o fato do Governo Federal contar com quatro ministros ligados ao campo. “Temos vários ministros ligados à agricultura disputando prestígio e verbas”.

Ele também defende a assinatura de acordos bilaterais para aumentar as exportações agrícolas. O governo segue o princípio de que esses tratados devem ser feitos por meio do Mercosul ou de rodadas mundiais.

Porém, há membros do Mercosul, como a Argentina, que passam por problemas cambiais e inflacionários, que não têm como foco assinar essas parcerias. No momento, o Mercosul negocia com a União Europeia.

Segundo Rodrigues, os países fortes no comércio exterior buscam os acordos bilaterais. “Na política comercial, 40% do comércio mundial de alimentos são feitos por acordo bilateral. O Brasil é zero nisso”.

O ex-ministro conta ainda que a FGV vai entregar neste final de semana propostas de plano de governo do agronegócio para os três candidatos à presidência.

De acordo com ele, geralmente os candidatos presidenciais ignoram propostas do campo, mas desta vez os sinais são que de os políticos estão mais sensíveis às demandas do agronegócio.

Investimento na cafeicultura

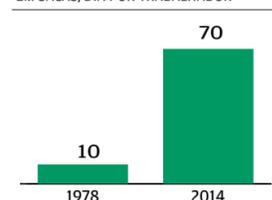
Expectativa da produção cafeeira no País neste ano

45 milhões de sacas



Impacto da colheita mecânica na produção cafeeira*

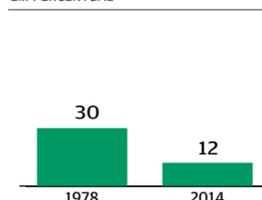
EM SACAS/DIA POR TRABALHADOR



FONTE: Cooperativa de Monte Carmelo (MG)
*Pesquisa realizada no Cerrado Mineiro

Impacto da colheita mecânica nos custos do setor

EM PERCENTUAL



ARTE MONICA SOBRAL/AT

Tecnologia no café



Riviera. No condomínio de Bertoga, prioridade para calçadas e bicicletas, diz o diretor da Sobloco, Luiz Almeida



Cosméticos. A mineira Vanessa Vilela criou a Kapeh, cosméticos à base de café



Cooxupé. Cooperativa prevê 20% dos sócios com produção sustentável, diz Edson Guerrero



Cana. Segundo Gastão Mesquita, da Copersucar, colheita mecânica gerou emprego com capacitação

Sustentabilidade cresce e se dissemina na economia

A palestra de encerramento do Seminário Internacional do Café de Santos mostrou como a sustentabilidade se desenvolve na economia. A maior parte do avanço é fruto de ações civis ou de mudanças na legislação. Hoje o próprio setor privado acabou sendo beneficiado.

É o caso do agronegócio da cana-de-açúcar, pressionado para acabar com a queima, que provoca emissão de gases no meio ambiente. A solução foi mecanizar a lavoura. Hoje a colheita mecânica já atinge 72% da produção.

A sustentabilidade da cana produziu benefícios em cadeia. A biomassa da palha antes queimada agora gera energia. O conselheiro da Coperucar, Gastão Mesquita, conta que o preço da tonelada do bagaço, por ter se tornado matéria-prima energética, já supera à da própria cana – pico de R\$ 120 contra R\$ 58. “A lei obrigou, mas quem se beneficiou foi o produtor, que só ganha com a cadeia

mais sustentável”.

O setor de tabaco, já pressionado pelos malefícios do fumo na saúde, também ganhou uma legislação rigorosa para reduzir o impacto ambiental. Iro Schünke, da indústria de Santa Cruz do Sul (RS), diz que as empresas desenvolveram um sistema integrado com o produtor para acelerar o resultado das medidas.

Os agricultores têm uma vestimenta para não se contaminarem nas colheitas e as indústrias recolhem embalagens de agrotóxicos. Já as propriedades de 16 hectares em média destinam 12% da área para eucaliptos e 18% de mata nativa.